

## **O dispositivo da maternidade durante a pandemia de covid-19: analisando artefatos**

Carolina Alves Leite<sup>1</sup>  
Luciana Kornatzki<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo investigar a produção do dispositivo da maternidade durante o isolamento social na pandemia de COVID-19 por meio de artefatos culturais midiáticos. Para tanto, foram analisadas uma cartilha científica, uma cartilha governamental, um *eBook* de conteúdo político informativo, uma antologia de textos, uma publicação de pesquisa e uma faixa musical – discutindo de que forma podem atualizar o dispositivo da maternidade e construir uma maternidade pandêmica. No percurso metodológico, foram utilizadas ferramentas foucaultianas para análise do discurso. Na análise, percebemos que os artefatos investigados ao veicularem e utilizarem discursos por instâncias midiáticas articulados com instâncias médicas, pedagógicas, disciplinares, podem fabricar um controle e uma política de assujeitamento sobre as mães na pandemia, ao mesmo tempo em que podem ensejar resistências às imposições que ditam modos de ser maternos. Desse modo, podem produzir novos tipos de sujeitos maternos e possibilitar a invenção de novas formas de ser, tornando as mães, agentes primordiais do biopoder.

**Palavras-chave:** Dispositivo da maternidade. Pandemia. Artefatos culturais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Política Social pela Universidade de Brasília - UnB. [alvesleitecarolina@gmail.com](mailto:alvesleitecarolina@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE-FURG. [lukornatzki@gmail.com](mailto:lukornatzki@gmail.com).

As práticas discursivas instauradas para a produção da maternidade como objeto de saber-poder dão-se por meio de normas e valores que são também produzidos por diferentes instâncias sociais. Dando foco em mulheres-mães, usa-se o conceito de dispositivo da maternidade, desenvolvido por Fabiana de Amorim Marcello (2003), que promove modos evidentes e específicos de subjetivação feminino-materna. Dispositivo este que se atualiza à medida em que vivemos um contexto inédito de reinvenção cotidiana com o isolamento social decorrente da pandemia.

Segundo Kornatzki (2019), o dispositivo como ferramenta analítica é proveitoso para análise dessa realidade pois um dispositivo tem fins específicos ligados a uma conjuntura social e histórica. Assim, ao investigar a atualização do dispositivo da maternidade, foi preciso considerar e entender as várias determinações que o compõem, como práticas que viabilizam discursos que o formam, e que estão voltados à normalização dos sujeitos, ao disciplinamento ou controle de seus corpos.

A pandemia de COVID-19<sup>3</sup> que manteve parte da sociedade isolada dentro de casa para evitar contágio, intensificou as contradições para as mulheres no lar e reforçou uma atualização do dispositivo da maternidade. Além do reforço de riscos quanto às violências de gênero, por estarem as mulheres mais próximas de seus abusadores, por mais tempo diário, o período corroborou para o aumento das tarefas domésticas no âmbito familiar, reforçando a naturalização de que estes serviços são do âmbito feminino<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> A pandemia de coronavírus (COVID-19), uma doença respiratória causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus tem origem zoonótica e o primeiro caso conhecido da doença remonta a dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Em 20 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e, em 11 de março de 2020, como pandemia. Até 16 de agosto de 2022, 591 162 311 casos foram confirmados em 192 países e territórios, com 6 437 764 mortes atribuídas à doença, tornando-se uma das pandemias mais mortais da história e um desafio sanitário em curso. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

<sup>4</sup> Inclusive, as empregadas domésticas foram retiradas da lógica formal de funcionamento das atividades de forma remota e por isso, acabaram sendo expostas ao vírus nas casas de suas/seus empregadoras/es. A exemplo, uma das primeiras mortes confirmadas por coronavírus, ter ocorrido no bairro Leblon do Rio de

Também, a ideia de jornadas de trabalho está fissurada pela mistura da esfera doméstica com a esfera pública, especialmente com o teletrabalho e o *home-office*, práticas que acabaram por se fazerem necessárias durante a chamada “quarentena” e que têm causado desgastes na percepção de que as mulheres separavam tempo para trabalho remunerado de tempo para trabalho não-remunerado. A pandemia de COVID-19 com o isolamento social inflamou uma crise do cuidado<sup>5</sup>.

Para a investigação das condições de possibilidade para atualização do dispositivo da maternidade, foram analisados artefatos culturais que abordam conhecimentos diversos, dentre experiências vividas a saberes científicos sobre o exercício da maternidade na pandemia, possibilitando uma atualização do dispositivo da maternidade. Portanto, foram analisadas duas cartilhas, um *eBook* informativo, um relatório de pesquisa e uma música.

Com isso, este trabalho gira em torno da produção da maternidade no contexto da pandemia, consistindo na investigação da produção do dispositivo da maternidade durante o isolamento social a partir de trabalhos elaborados e realizados durante o período pandêmico. Compõe esse debate em torno da análise de artefatos culturais que provocam emergência de discursos que falam e normatizam determinado tipo de maternidade e exercício materno.

---

Janeiro-RJ, e ser de uma empregada doméstica que contraiu a doença após contato com a patroa, que voltara de viagem da Itália recentemente e não havia sequer informado à funcionária que poderia estar doente, para assim preveni-la. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em: agosto de 2021.

<sup>5</sup> Fraser (2020), fala sobre uma crise no cuidado que existe dentro e fora dos lares familiares. Esta crise diz respeito às pressões que, provindas de diversas direções, estão tencionando, atualmente, um conjunto-chave de capacidades sociais: as capacidades sociais disponíveis para gerar, parir e criar crianças, cuidar de amigos/as e familiares, manter lares e comunidades mais amplas e, de modo mais geral, sustentar conexões de solidariedade diversa. Essa crise de prestação de cuidados se dá também devido aos impactos do envelhecimento da população, dos cortes das políticas neoliberais de austeridade que prejudicam serviços públicos e sistemas de proteção social e também dos efeitos das mudanças climáticas, situação que tende a piorar a vida das mulheres responsáveis por esse trabalho essencial.

Por isso, na presente pesquisa são evidenciados alguns elementos que compõem o dispositivo da maternidade durante a pandemia, mostrando como discursos contidos em instituições, saberes e normas produzem tipos de sujeitos-mãe. As práticas discursivas mencionadas e reforçadas nos documentos e artefatos elaborados durante o período da pandemia formatam modos ainda mais específicos de subjetivação feminino-materna (MARCELLO, 2003; KORNATZKI, 2019).

### **O dispositivo da maternidade e a maternidade pandêmica**

As noções sobre maternidade são constantemente ressignificadas, o que aconteceu incisivamente durante a pandemia a medida em que foram constituídos novos tipos de sujeitos maternos, pois com uma conjuntura bastante específica, foi possível produzir contínuas formas de objetivação dos sujeitos-mãe. Essas novas subjetividades produziram e reinventaram cotidianos inéditos, a partir da incitação de discursos por instâncias midiáticas articulada com as demais instâncias médicas, pedagógicas, disciplinares que fabricam um controle e uma política de assujeitamento sobre as mães na pandemia, possibilitando a invenção de novas formas de ser.

As pessoas se viram obrigadas a permanecer mais tempo em suas casas para tentar conter o contágio e buscar a mitigação do vírus, assim as famílias tiveram que se readaptar a uma rotina inusitada. Boa parte das demandas diárias passaram a se restringir ao lar e às práticas laborais à distância. As demandas de trabalho remunerado começaram a se chocar com o trabalho doméstico. Nesse sentido, a rotina de mulheres-mães se intensificou em uma sobrecarga dos trabalhos, envolvidas em um tempo mais longo no cuidado com os/as filhos/as.

Segundo Marcello (2003) é a partir da caracterização de uma rede discursiva que se instaura sobre a prática materna, que se torna possível afirmar a existência de um dispositivo da maternidade ligado à produção de discursos, relações de poder e modos

de subjetivação. A maternidade adquire cada vez mais sentido quando articulada e apoiada por diferentes práticas e redes de saberes que são construídos em múltiplos espaços e instâncias. A partir da replicação dessa lógica, objetiva-se formas pelas quais o sujeito-mãe é levado a reconhecer-se como mãe, dentro de certas discursividades maternas específicas. Enquanto mãe no contexto de pandemia, esse reconhecimento se dá a partir de um lugar de desconforto.

Como forma cultural de organizar sentidos, as várias narrativas da pandemia acabaram por emergir uma atualização deste dispositivo da maternidade, inscrevendo força e valor aos discursos sobre a maternidade. Diante disso, Marcello (2003) considera uma série de processos que se entrecruzam, engendram-se e se sobrepõem para a existência do dispositivo da maternidade, sendo eles: a mulher como ser cuidadoso, a criança como carente de cuidados e a mídia como constituidora de sentidos e sujeitos sociais.

Em termos de Brasil, as heranças escravagistas patriarcais, aumentam o fosso desequilibrado das diferenças sociais e isso fica explícito nas problemáticas mais básicas, a exemplo da alimentação, saúde, higiene pessoal, entre outras questões relativas ao cuidado. Sendo a maternidade socialmente caracterizada pelo desempenho de cuidados, é reforçada a constituição de uma maternidade normativa, da mulher como sujeito cuidadoso e amoroso por natureza e a criança como sujeito a ser ensinado, domesticado e vigiado, com o endosso de um dispositivo da maternidade. Isso se une a uma racionalidade neoliberal que coloca o sujeito mãe como o responsável por contornar todos os problemas através de seu empenho (MARCELLO, 2003).

Evidencia-se, assim, a constituição de uma divisão sexual do trabalho que atribuiu funções diferentes em uma sociedade binário-generificada circunscrevendo o lugar da mulher no funcionamento da economia de forma a ocultar sua contribuição para a manutenção da vida social. Essa divisão está associada ao dispositivo da maternidade e sua constituição para a inserção política e o cumprimento de funções

sociais desiguais entre homens e mulheres – marcadas pelo determinismo natural de seus corpos (HIRATA, 2016; MARCELLO, 2003).

É diante da urgência de demarcar a função social das mulheres no lar, que a ideia de maternidade foi constituída, bem como o mito do amor materno (BADINTER, 1980), tendo um despontar por motivos políticos, econômicos, filosóficos e sociais e uma função estratégica dominante (MARCELLO, 2003).

Na sustentação da garantia de que a mulher seja condenada ao espaço privado e nele desempenhe um exercício legitimado, tendo certa governabilidade ampliada, a maternidade passa a ter seu sentido marcado pela ordem instintiva, o que fez da prática materna um imperativo inelutável para o “ser mulher”, associada às noções de dedicação que hoje temos como “natural”. Durante a pandemia, a intensidade dessa produção se afirma mais forte, as mulheres foram compulsoriamente levadas a voltar para o lar, de onde sequer conseguiram sair de vez.

Nessa reconfiguração do contexto familiar para as mulheres-mães em meio à produção discursiva sobre o exercício materno na pandemia, se faz oportuno verificar a atualização de um dispositivo da maternidade em meio ao período pandêmico. A figura da mãe torna-se ainda mais dotada de valor e constituída a partir daquilo que se tornou um campo de conhecimento, e a partir dela, passa-se a constituir uma rede discursiva, deslocando o objeto de saber-poder para o sujeito-mãe restrito e isolado ao lar. Assim, a maternidade pandêmica se torna descritível, passível de regras e leis que a normatizam neste contexto.

Segundo Marcello (2003), os dispositivos: da sexualidade, da infantilidade e o pedagógico da mídia, articulados ao dispositivo de maternidade – estabelecem um cruzamento e complementam-se produzindo a visibilidade de determinados aspectos da maternidade. Tais aspectos interpelam os sujeitos de maneira que a sociedade conjuntamente participe da construção de um conjunto de características próprias de uma determinada configuração materna. Este dispositivo é operacionalizado e posto a

funcionar na mídia contemporânea para a constituição de uma difusa e dilatada experiência materna. Experiência, no sentido dado por Michel Foucault, como uma correlação entre campo de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade.

Com isso, a partir de um dispositivo da maternidade, considera-se a forma cultural com a qual se organizam sentidos, pelas narrativas da mídia que produzem, reforçam, fazem circular, instituem e enfraquecem discursos sobre a maternidade, tornando-se assim ação efetivamente política. As narrativas constroem sentidos, inscrevem força e valor aos discursos, qualificando-os, desmerecendo-os, tornando-os importantes ou não (MARCELLO, 2003).

Durante os anos de 2020 e 2021, em que as atividades públicas tiveram que se dar de forma remota, *online* e por intermédio de estratégias à distância, o dispositivo da maternidade foi acionado de forma peculiar. Com a disseminação do vírus e as várias medidas de proteção e protocolos institucionais de contenção do contágio, o papel da mãe se torna o de uma agente vital do biopoder e de uma biopolítica<sup>6</sup>.

A ciência médica que colaborou com a construção da afirmação da mulher como agente da higienização, emissária da disciplina dentro da família e aliada do médico, agora conduz essa narrativa a um outro contorno. Diante do clima de vulnerabilidade instaurado pela COVID-19, em que a população não sabia lidar com a manifestação e as consequências do vírus e tudo parecia arriscado, o biopoder adentra os lares com a

---

<sup>6</sup> O biopoder é uma técnica de poder que busca criar um estado de vida em determinada população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis. É uma forma de governar a vida, posta em prática no ocidente a partir do século XVII. Pode ser pensado a partir de dois eixos: *disciplina*, o governo dos corpos dos/as indivíduos; e *biopolítica*, o governo da população como um todo. A disciplina, a partir do século XVII, focou no corpo como máquina que pode ser adestrada. Algo que age na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos. Tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam a disciplina (anátomo-política do corpo humano). A biopolítica, a partir da metade do século XVIII, está voltada para o coletivo. Centrada no controle da proliferação, dos nascimentos, da mortalidade, do nível de saúde, da duração da vida, da longevidade. Tais processos são assumidos mediante uma série de intervenções e controles reguladores (biopolítica da população) (BERTOLINI, 2018).

produção de uma responsabilização maior da mulher pelo futuro e o bem-estar das crianças e da família.

Ainda segundo Marcello (2003) o dispositivo da maternidade tem o conjunto de proposições biológicas e políticas como possibilidade: correlação entre sujeito-mãe e sujeito-mulher, normatividade nas práticas maternas e composição de modos de subjetivação específico. A ciência médica preocupa-se em afirmar que a mulher deveria tirar prazer de sua prática materna, poderia encontrar a felicidade plena – o/a filho/a passa a ser tratado/a como o objeto privilegiado de desejo materno. Com isso, a maternidade deve conter dores e sacrifícios: parto, amamentação, abnegação, padecimento. Com a pandemia, foram convocadas práticas maternas mais vigilantes, que priorizassem um cuidado exacerbado para conter a proliferação de um vírus, ficando para as mães uma extensa rotina de: limpeza, asseio, atividades escolares, educação em saúde, entre outras.

É importante suspeitar dessa situação pois as atividades desempenhadas a partir da maternidade são mecanismos pelos quais o capitalismo lida com a reprodução da força de trabalho em cuja exploração se baseia, reproduzindo os/as trabalhadores/as desse aspecto como artifício gratuito. Além de manter a força de trabalho, as mulheres-mães também dão origem a ela, através da capacidade reprodutiva.

Enquanto profissionais de saúde ditam ultimatoss sobre os cuidados com a pandemia e afins, as mulheres-mães se prontificam a favorecer esse biopoder, a trabalhar para a manutenção da força de trabalho. Enquanto o Estado assegura o isolamento social, as mulheres-mães trabalham para que ele possa contar com seu corpo político saudável, bem alimentado, limpo e amado. Enquanto a mídia se compadece dos corpos que precisam de zelo, as mulheres tentam dar respostas imediatas de que estão atentas a todas as advertências e, portanto, levadas a performar o ideal de boa mãe.

Tal situação de sobrecarga que molda um dispositivo da maternidade sequer aponta para as condições sociais, emocionais e culturais que muitas mulheres

enfrentam, muito mais agravadas durante a crise humanitária proporcionada pelo coronavírus. A racionalidade neoliberal se pauta somente no empenho e na vontade das mães, que precisa ser ainda maior. Essa concepção acaba atualizando um dispositivo de maternidade que constitui o sujeito feminino não só relacionando mulheres-mães à plenitude, como também produzindo discursivamente a figura da mãe como a agente exclusiva do biopoder durante a pandemia.

Em termos de trabalho de cuidado na pandemia, a mãe não só é a que abarca tudo, como também é a única a abarcar tudo.

### **Caminhos metodológicos**

Este trabalho se define como pesquisa documental, sendo que o material empírico analisado foi coletado durante o período entre 2020 e 2021 em que a pandemia de COVID-19 ocorreu de forma mais acirrada.

Foram selecionados artefatos culturais midiáticos exemplares para pensar os discursos sobre o dispositivo materno, optando pelo critério de escolher um modelo específico para cada âmbito discursivo, elencando então, para análise: uma cartilha que representa o discurso científico, outra cartilha que representa o discurso do governo, uma antologia de textos que partilha perspectivas femininas negras, um *eBook* que representa o discurso politizado e ativista sobre maternidade na pandemia, um relatório de pesquisa sobre a mudança de rotina nas famílias e uma música de autoria de artistas mães que representa a perspectiva materna diante da situação. Considerando-se essa variedade como artefatos culturais, se colocam como ferramentas de produção, de percepção das várias formas de vida social constituída de modos de ser, de compreender e de explicar a realidade heterogênea (CERTEAU, 2001).

Para análise e discussão dos dados utilizou-se de ferramentas foucaultianas para fazer a análise do discurso. Para compreender o discurso é importante entendê-lo como

algo parecido com uma estrutura, em que existe uma dispersão de enunciados dentro dessa estrutura, regidos por regras que podem fornecer uma possibilidade de aparecimento de alguns enunciados e desaparecimento de outros. O discurso funciona como um elemento para construir a realidade em conjunto com a realidade material vista para além do discurso, que também é formado historicamente, não nasce do nada ou somente da vontade dos indivíduos. O discurso fornece e é composto pelos enunciados que compõem as vontades e os desejos, os objetivos e a chance para se falar uma coisa ou outra (FOUCAULT, 2002).

Marcello (2003) defende ainda que devemos lutar pelo domínio do discurso no sentido de controlar, selecionar e organizar a sua produção ou mesmo sua circulação e assim, disputar a produção da verdade e a instituição de sua veracidade. No interior do dispositivo da maternidade, evidenciam-se a normatividade e legitimidade dos discursos sobre as modalidades maternas, de práticas de maternização. Pensando formas de combate a propagação e repetição de um discurso que enseje um ideal de maternidade pandêmica, deve-se ter como alvo o controle que a mídia faz com sua produção discursiva.

É por isso que se optou pela análise de artefatos culturais, pois as representações da mídia são modos de produção de significados que se manifestam através da linguagem e representam para outras pessoas conceitos, ideias, valores, pensamentos e sentimentos; que organizam e regulam as práticas sociais; que influenciam condutas, modos de ser e estar na sociedade, ou seja, quem são as pessoas e de quais grupos fazem parte, que demarcam e sustentam identidades. Os indivíduos aprendem a ocupar e reconhecer os lugares sociais, através de um complexo de forças e de processos que incluem instâncias como os meios de comunicação de massa e várias formas de conceber e de viver gênero (MAGALHÃES, 2014).

Com isso, é possível estabelecer uma constituição de unidades a partir da dispersão dos enunciados, observando como determinados enunciados surgem e se

distribuem no interior de um conjunto discursivo contido em um artefato. A construção de unidades analíticas não implica uma operação de simplificação de enunciados desorganizados, mas traduz-se em um trabalho de multiplicação da realidade discursiva. Além de problematizar o modo como os discursos foram produzidos historicamente, é possível que possamos pensar como lutar contra as formações discursivas que representam formas de poder e com isso, geram opressões (FOUCAULT, 2002; MAGALHÃES, 2014).

Dessa forma, o conceito de discurso diz respeito a tudo aquilo que é enunciável e visível, a todas as manifestações que produzem vida social em determinada episteme. Em outras palavras, os discursos descrevem, fabricam e inventam o mundo, que só tem sentido a partir desses ditos. A partir disso, buscamos conhecer a rede de discursos presentes nos artefatos investigados e para tal análise elencamos aquelas enunciações que mais se relacionavam com os objetivos deste artigo, ou seja, os discursos produzidos sobre maternidade na pandemia (FOUCAULT, 2002).

### **Apresentação e análise dos artefatos: estratégias de divulgação/veiculação/utilização**

Com objetivo de ajudar a sociedade a lidar com a pandemia da COVID-19, pesquisadores do Laboratório de Estudos, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde – LEPIDS da Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e convidados do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde, da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES formaram um grupo e se juntaram a Força Tarefa PsiCOVIDa, em 2020, para elaborar a cartilha *Maternidade em tempos de COVID-19: como enfrentar a pandemia quando sou mãe de um bebê menor de seis meses?* para ajudar mães e suas redes de apoio, ou seja, seu/sua parceiro/a, familiares,

amigos/as, com informações e dicas para que lidem da melhor forma possível com o estresse provocado pelas mudanças na rotina, pessoal e familiar.

Apesar de mencionar a rede de apoio, a cartilha traz orientações direcionadas objetivamente às mães, recomendando maiores informações para que prossigam com os cuidados com os bebês. Na forma como se dialoga com as leitoras, a cartilha elege as mães a se tornarem agentes da biopolítica de forma automática, em que são orientadas a estarem mais informadas. No trecho *“Dessa forma, é possível ficar mais confiante de que você será capaz de ser uma boa mãe e cuidar bem do seu bebê recém-nascido, mesmo sem o apoio dos familiares impedidos de estarem presentes no seu pós-parto devido a medida de isolamento social.”* (p. 07). Embora a intenção seja de confortar as mães acometidas de dúvidas e receios, é possível perceber de forma sutil a designação de uma responsabilidade exclusiva com o intuito de que exerçam o papel de “boa mãe” e a pressuposição de que as mães já se encontrem sozinhas nessa jornada.

Diante da ausência de saídas que amparem as mães durante o cenário, o caminho escolhido na cartilha acaba por responsabilizar unilateralmente as mesmas. Mesmo reconhecendo que a situação é um “duplo desafio” para as mulheres, que se encontram mais sensíveis e com alterações físicas e psíquicas após o parto, não existe o esforço de pensar uma alternativa que descentralize o cuidado, porque é muito enraizado nas concepções sociais que a boa mãe arcará com todas as consequências para proteger seu/sua filho/a e embora com abertura para entender suas dores, não se é esperado que elas sejam menos que ótimas nos cuidados de crianças recém-nascidas.

A nossa sociedade generificada não só cobra das mulheres que reproduzam e sejam mães, através das imposições de gênero e práticas não discursivas que são acionadas desde a infância, mas também que sejam um tipo específico de “boas mães”. Na pandemia, elas precisam ser excepcionais. Contudo, não existe um esforço para fortalecê-las nessa direção, elas são educadas para serem mães mas não são preparadas para o os desafios que a função exige. Além de que a sociedade civil, bem como o

Estado, não se compromete com a situação das mulheres-mães e diante de uma crise que acomete o mundo inteiro com questões que põem pessoas em risco, as mães sofrem consequências em termos de trabalho de cuidado, sendo afetadas em níveis biopsicossociais.

Em outro trecho, a cartilha aconselha: *“Toda mulher quando engravida passa por transformações psíquicas, em maior ou menor grau, para se tornar mãe. Isso pode fazer com que você se questione se será capaz de ser uma “boa mãe”. Mas acredite, você é suficiente e tem tudo o que seu bebê precisa para este momento!”* (p. 14). Na tentativa de fazer um trabalho tardio, os/as interlocutores/as tentam confortar a leitora e ampará-la para que não se sinta incapaz diante do desafio. Além de tudo, se utilizam de uma visão determinista de “toda mulher”. Mais uma vez, o papel da “boa mãe” é acionado como referência para cumprir-se com o “seu” dever, o que reforça uma domesticação materna mesmo que a intenção seja de indicar que fazer o suficiente é o bastante. A “boa mãe” aqui, é a que segue a cartilha e mantém as coisas funcionando sem prejudicar sua condição de saúde mental. Há uma responsabilização exclusiva da mulher, reforçando a ideia de que só ela é capaz de cuidar do bebê, tendo tudo o que ele precisa e, portanto, deve se virar sozinha essencialmente, outras pessoas não são necessárias para os cuidados com os bebês.

É por isso que, considerando a ambiguidade da situação em que as mulheres se encontram, a cartilha opta por não romantizar a maternidade como um momento de experiências leves somente, pedindo que as mães aceitem seus sentimentos contraditórios e não julguem a si mesmas. A autocompaixão é um direcionamento inicial porque entende-se que a saúde mental das mães precisa estar íntegra e tem um valor no exercício da maternagem isolada. Ao dizer *“Você não será menos mãe ou uma mãe ruim se duvidar de si própria ou mesmo procurar ajuda e falar sobre isso neste momento. Em breve as coisas deverão ficar bem!”* (p. 13), adiciona-se uma camada, a

mãe pode pedir socorro, não se espera dela perfeição e total correspondência com o que está sendo solicitado, pelo menos na régua proposta pela cartilha.

A partir do momento em que a saúde mental é mencionada na cartilha, há o estímulo ao envolvimento de outras pessoas na divisão de atividades, mas acaba por responsabilizar as próprias mães pela tomada de consciência das pessoas a sua volta, sugerindo que a mesma solicite a ajuda dos companheiros e demais membros da família com os cuidados com o bebê e demais tarefas domésticas. Reforçando a ideia de que o parceiro/pai ou qualquer outro membro da família como alguém que ajuda, invés de ser alguém que divide as tarefas de cuidado. É preciso que os discursos em torno das mães passem a perceber os pais como alguém que divide as tarefas de cuidado e não como alguém que “ajuda”. Outra sugestão feita às mães, é sobre a partilha *online* da rotina diária com o bebê, como forma de fazer com que se sintam menos isoladas, evidenciando a precariedade das relações sociais e a ausência da rede de apoio, um obstáculo grave nos meses iniciais da pandemia.

Quanto às orientações para consultas médicas, as mães são encaminhadas a seguir novas condutas na rotina pediátrica, enquanto parceiras dos profissionais de saúde, são acionadas a serem o mais ultravigilantes possível para a manutenção da saúde das crianças. Enquanto agentes do biopoder sobre os corpos infantis, as mães são importantes auxiliares dos cuidados em saúde, colaborando com a prevenção de doenças e de forma mais intensa contra a COVID-19, além de ser a testemunha primordial dos determinantes que condicionam o adoecimento. Isso fica evidente nas orientações reforçadas na cartilha.

Outra cartilha analisada, se intitula *Mulheres na COVID-19*, elaborada em 2020 pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos via Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres com colaboração do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, e traz dicas sobre saúde, enfrentamento à violência e mercado de trabalho. Na parte em que orienta gestantes sobre cuidados e direcionamento para o pré-natal,

amamentação, doação de leite materno e parto, a cartilha dialoga com as mulheres de forma imperativa a cumprirem uma agenda de cuidados redobrados com o vírus, se posicionando a partir das recomendações institucionais do Ministério da Saúde e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. Diferente da cartilha anterior, em nenhum momento é mencionada a rede de apoio das mães e de que forma outras pessoas podem ser incluídas nos cuidados.

Outra orientação é referente à forma como as mães podem falar com as crianças sobre a COVID-19, demonstrando que as mães também foram posicionadas como educadoras primordiais sobre os cuidados com saúde, convidadas a estarem atualizadas contra *fake news*. Em outra parte da cartilha, as mulheres são orientadas a como proceder frente às situações de cuidados domésticos com a casa e as compras, no contexto específico da pandemia, o que reforça o papel da mulher na divisão sexual do trabalho frente a uma rotina doméstica mais extensiva com os trabalhos domésticos.

Desse modo, as cartilhas produzem uma biopolítica, na medida em que conduzem a população por seus discursos que, orientam as mães, buscando, por sua vez, com que elas exerçam o biopoder sobre o corpo infantil. Assim, a biopolítica nega a mães enquanto sujeitos autônomos no exercício de suas maternagens, como incapazes de fazer escolhas. Na perspectiva foucaultiana:

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação, durante a época clássica, desta tecnologia de duas faces – anatômica e biológica –, individualmente e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo (FOUCAULT, 2012, p. 152).

As dicas e orientações nas duas cartilhas analisadas corroboram que as atividades da maternidade pandêmica estão associadas a um estado de alerta incansável.

Assim, posicionando-as como educadoras-cuidadoras primordiais, o dispositivo da maternidade se atualiza, construído a partir das orientações institucionais contidas nos documentos mencionados, em nível científico e de gestão governamental, de forma a potencializar a ideia de um dispositivo da maternidade que se atualiza a partir do cuidado exacerbado com saúde e com a emergência de novos discursos sobre a prática materna no contexto da pandemia. Assim, a maternidade pandêmica é também uma maternidade compulsória, imposta pelo descaso da assistência à saúde e com os direitos reprodutivos das mulheres (*Think Olga*, 2021).

Outro documento analisado foi o *eBook #Mães na Pandemia: A invisibilidade e sobrecarga do trabalho materno em meio à crise global* do coletivo *Think Eva*, que tem por objetivo constituir um registro histórico das dificuldades impostas pelas desigualdades de gênero, propondo um debate público que busque atribuir responsabilidades e também soluções. O material foi pensado não só para mães, como também para pessoas que trabalham com mães, líderes corporativos que empregam mães e para todos/as que têm a missão de as amparar. Isso já passa a mensagem de conceber que a maternidade é um assunto da sociedade como um todo.

Inicialmente, o *eBook* evidencia, a partir de diversas pesquisas, o quanto a pandemia de COVID-19 afetou a vida de mulheres em muitos aspectos, dentre eles: sobrecarga com cuidados, agravamento das situações de violência doméstica, aumento de cobranças em níveis multifacetados, morte das profissionais na linha de frente, aumento das desigualdades que permeiam as diferenças de raça, problemas financeiros, desemprego e conseqüentemente problemas de saúde mental. O documento demonstra que o grupo mais afetado pela pandemia são mães de crianças pequenas, principalmente mães negras. Além disso, destacam as mães solo que se encontram em situação de insegurança financeira ainda mais severa devido as injustiças que permeiam as discriminações de gênero e raça, havendo uma maternagem precarizada e adoecida.

Ao apresentar dados que evidenciam o quadro geral da situação em que se encontram mulheres mães durante a pandemia, o *eBook* colabora para pensar que o dispositivo de maternidade pandêmica estabelece um novo olhar para questões práticas a respeito da vida da população. O futuro precisa ser pensado a partir das consequências que a pandemia causou em um grupo massivo cheio de particularidades, as mães pandêmicas, que estão reproduzindo a vida e os corpos que servirão de mão de obra para o sistema metabólico capitalista. Enquanto houver a manutenção de uma maternagem adoecida, os recursos sustentáculos do modo de produção capitalista se apresentarão defasados em um futuro próximo. Com isso, a manutenção do sistema depende do trabalho das mães e das condições de trabalho que são oferecidas a elas.

Problematizando a precariedade do mercado de trabalho para mães afetadas pela pandemia, o *eBook* debate também como empresas podem se posicionar diante do cenário, no sentido de pensar soluções dignas para reimaginar uma segurança social e uma readaptação para mães que aumentaram exponencialmente suas atividades. Com essa abordagem, o documento convida a sociedade civil a participar do diálogo sobre maternidade na pandemia, não mais direcionando a problemática apenas uma direção unilateral da mulher. Foi explanado alguns exemplos de corporações que estimularam o protagonismo de mulheres nas empresas e a consideração do trabalho de cuidado como ocupação digna de valor, inclusive pensando a maternidade como tarefa que desenvolve habilidades.

Essa perspectiva apresentada ao pensar a inserção das mães no mercado de trabalho, enxerga o saber-poder materno como utilitário para uma atuação produtiva e reprodutiva na sociedade. Essa maternidade pandêmica adquire um aspecto que pode ser visto com bons olhos pelos empregadores, pois as mães já são preparadas para os desafios que os trabalhos de cuidado já exigiram e aprimoraram. Essa concepção tenta unir habilidades do exercício da maternidade à inclusão no mercado de trabalho, com o intuito de desfazer preconceitos sobre supostas incapacidades infundadas, no sentido de

ver os/as filhos/as como um subterfúgio para o desenvolvimento de suas competências e não um obstáculo.

Ao trazer orientações para líderes empregadores/as, o *eBook* se posiciona enquanto auxiliar para o apaziguamento de tensões, propondo caminhos e soluções, reafirmando que a maternidade pandêmica é uma realidade que precisa ser evidenciada, invés de cair na invisibilidade. Isso conota um dispositivo de maternidade ainda mais profundo, porque estando as mães por muito tempo em isolamento, as questões que dizem respeito aos lares familiares podem ser bem mais desprezadas em uma conjuntura neoliberal que busca sempre culpabilizar os sujeitos de forma individual. Isso reforçado ao fato de que, culturalmente, o Estado tende a se distanciar do âmbito particular. Além de que a luta feminista para que o privado seja político é uma constante.

Em um terceiro momento, a publicação se direciona mais especificamente às mães e destaca a culpa e a culpabilização como um dos principais marcadores de pressão para elas, problematizando questões enraizadas socio-culturalmente sobre os cuidados com crianças estarem a cargo das mulheres.

Como forma de trazer soluções para a culpa que direcionam às mulheres e que as mesmas tomam para si, o coletivo sugere no *eBook*, o exemplo de algumas iniciativas que constroem redes de solidariedade materna, que constituem auxílio financeiro bem como apoio psicológico. Além da opinião de especialistas versados sobre a temática, propondo ações para garantir que as mães sejam acolhidas, protegidas e desoneradas da função exclusiva de cuidar das crianças.

A partir de uma visão de totalidade, o documento propõe soluções sistêmicas, convidando a sociedade a pensar conjuntamente um planejamento público efetivo que ofereça a toda e qualquer mulher-mãe, os serviços essenciais imprescindíveis para que exerçam suas maternidades com dignidade. Com essa consciência, trazem um relato de uma mãe que contou com a assistência do governo da França, onde o Estado assume o

papel de velar pela infância e pela educação, fazendo um chamado reiterado à toda sociedade da necessidade de priorizar a proteção e qualidade de vida das crianças e jovens. Assim, propõe-se uma mudança de crenças ao pensar a educação como um pilar que influencia todas as determinações da vida social, usando o exemplo para mostrar que existem alternativas. Contudo, essa visão de mundo é muito distante da realidade brasileira que teve de lidar com uma série de problemas pela ausência do ambiente escolar no cotidiano familiar e isso afetou profundamente maternidades no Brasil.

Enquanto documento propositivo de orientações sobre a situação das mães na pandemia, o *eBook* do *Think Eva* apresenta um olhar crítico sobre as problemáticas que envolvem a maternidade e o trabalho de cuidado, pensando a questão do ponto de vista estrutural que afeta as sujeitas coletivamente.

Já a antologia *Narrativas Negras e Insubmissas: em tempos de isolamento social*, promovida pela Plataforma Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras e pela andarilha edições, reúne uma variedade de relatos de mulheres negras sobre os tempos de isolamento social, vocalizando estratégias de partilha na forma de diversos gêneros textuais. É uma publicação válida para pensar a perspectiva de mulheres orientadas pelo marcador raça, em que também foi abordada o tema da maternidade na pandemia.

Dentre o conjunto de textos, é possível acessar a vivência de uma maternidade negra pandêmica em alguns dos relatos, demonstrando que a maternidade da mulher negra perpassa rumos muito diferentes que transcendem as dores da sobrecarga com os cuidados e o isolamento doméstico.

Em *Mãe preta, filhos pretos*, Alexandra Vieira narra um dia angustiante na vida de Ana Dalva, mulher preta, mãe de dois filhos, que é pega de surpresa pela escassez ao tentar vender lanches na feira, no início da pandemia. O conto busca abordar todas as nuances da vida de uma mulher negra, mãe, com baixa renda, moradora de favela, que precisa pensar estratégias de sobrevivência diante da responsabilidade de cuidar dos/as

filhos/as. No conto, também é abordada a violência doméstica contra mulher, situação que foi agravada durante a pandemia e ganhou novo contorno.

No relato *Mulher-negra-mãe-pesquisadora e mais: reinvenções em isolamento social*, Joelma Santos conta que sua agenda do isolamento consistiu em exercer a atividade da maternidade, o que “engloba muitas outras, ao mesmo tempo em que inviabiliza outras tantas”, deixando explícito o quanto a maternidade no contexto de isolamento resulta em uma série de impedimentos genuinamente sentidos por mulheres negras. No caso, se torna mais estreita a maternidade conciliada às atividades acadêmicas e de desenvolvimento educacional, gerando angústias, dores, sacrifícios, renúncias e desgastes que são deslegitimados por serem mulheres negras a contrariar os sentidos conferidos às suas maternidades.

O lamento da mulher negra sobre as adversidades relacionadas à maternidade não é respaldado, como conta Joelma:

Enquanto mulher negra, então, parecem querer lembrar da sorte de eu poder cuidar de um filho meu. Há tantas de nós tomando conta da prole alheia, enquanto são obrigadas a abandonar a sua própria à mercê das estatísticas, que eu deveria ser imensamente grata por compor a exceção. Talvez, como deva ser imensamente grata pelo direito de ter desejado e planejado ser mãe e não ter engravidado por meio dos estupros rotineiros do Brasil quinhentista; ou de não ser uma reprodutora oficial de escravizados; ou ainda de nunca ter precisado cogitar um aborto para alforriar meu filho de uma vida de exploração e trabalho forçado, dentre outros “livramentos” que eu, mal agradecida, não reconheço. (p. 88-89)

A herança escravagista no Brasil estabeleceu uma conduta de como as mulheres negras devem se sentir enquanto mães, as cobranças quanto a sua maternidade perpassam códigos morais mais severos. Por ter sido a maternidade há muito negada às mulheres negras, existe uma expectativa de que mães negras a exerçam com muito mais bom grado. Davis (2016), ao historicizar a ascensão do culto à maternidade e à feminilidade no século XIX, que enfatizou o papel das mulheres como mães, protetoras

e donas de casa, circunscritas a um espaço doméstico, ressalva o seu viés racista e classista, pois a ideia de mulher veiculada pelo mito da feminilidade e pela docilidade da maternidade não incluía as escravas do regime escravagista.

Nesse sentido, aqui, não é acionada a performance da “boa mãe”, pois a mulher negra é afastada de uma concepção de docilidade. Essa é mais uma estratégia que se soma ao dispositivo da maternidade e faz com que o poder funcione de forma eficaz submetendo mulheres negras a uma forma de subjetivação.

Com a fragilização da vida de muitas famílias, o desemprego e o aumento da insegurança alimentar, inúmeras dificuldades financeiras perpassaram a experiência de maternidade de mulheres negras durante a pandemia, isso é denunciado em *Entre andanças e pandemia* de Luana Franciele Souza:

A minha pele sangra diariamente uma ferida que trago desde que nasci. Uma ferida que doeu um dia desses, numa dessas andanças profissionais, quando precisei conter a minha angústia ao ver uma mãe negra chorar a falta de comida na geladeira para alimentar seus guris. Ela chorava feliz, pois tinha acabado de conseguir uma cesta que iria alimentá-los por um mês, apenas. Um mês. Doeu, porque essa mesma mulher perdeu o emprego para uma pandemia que se abrigou em seios que não acolhem vidas negras. Doeu, também, porque atrás dessa mulher havia muitas outras, com o mesmo sofrimento e objetivo de vida: sobreviver. (p. 18-19)

É interessante pontuar que o racismo fundamenta a condição de precariedade em que se encontram muitas famílias afetadas pelas consequências da pandemia de COVID-19. No Brasil, a postura negacionista tem impactado com mais força a população negra, feminina e periférica. Em estudo realizado pelo Instituto Pólis ainda no início da pandemia, no período de 1º de março e 31 de julho, foi revelado que em São Paulo, entre as mulheres brancas, a taxa de óbitos por COVID-19 foi de 85 óbitos/100 mil habitantes e, para mulheres negras, o indicador subiu para 140 mortes/100 mil. Também, de acordo com Síntese dos Indicadores Sociais, no Brasil,

63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza (PÓLIS, 2020; IBGE, 2018).

Já na narrativa *Mães no distanciamento social em meio a uma pandemia* de Maeli Calmon, ao trazer uma situação inusitada em que uma mãe conta com a solidariedade da outra ao mesmo tempo em que se depara com a sobrecarga de ambas, a autora ambienta o cotidiano de mães envolvidas com as atribuições das filhas, do trabalho e da casa, contextualizando o isolamento social que as pegou de surpresa.

É interessante destacar que foi observado nos textos da antologia que as mães retratadas estão a todo momento preocupadas em como alimentarão seus/suas filhos/as diante do cenário pandêmico. Com tantos obstáculos, do racismo que precariza as condições de trabalho, da violência policial que persegue as camadas populares de baixa renda, a motivação é a subsistência dos/as filhos/as e a reafirmação de que, antes de tudo, são mães e que precisam levar algo para comer no final do dia, pois o objetivo principal é sobreviver.

Há uma disparidade: enquanto a maternidade pandêmica da mulher branca se deu num conflito de isolamento domiciliar ao tentar conciliar as tarefas doméstica com o trabalho remoto, a maternidade pandêmica da mulher preta teve que arriscar a própria vida e a dos/as filhos/as, arcando com o trabalho na rua à beira do contágio, da precarização e da violência institucional. O isolamento para a maternidade negra, foi o das possibilidades.

Outro documento analisado foi uma pesquisa realizada pela NOZ Pesquisa e Inteligência e Cinematerna, intitulada *Pandemia e Isolamento Social: um estudo do impacto sobre as famílias* em que são indicadas as diversas alterações no exercício da maternidade das mulheres no país. Uma das principais mudanças na rotina das famílias se deu pela ausência de espaços os quais antes as mães circulavam, mas depois passaram a sair de casa somente em último caso, quando dizia respeito às questões de

saúde e cuidado com os/as filhos/as. Tendo então, a maternidade como aspecto ainda mais central e norteador da rotina das famílias.

Considerando que as questões que dizem respeito a segurança financeira, afetam profundamente as várias determinações e sobredeterminações das vidas de mulheres mães, essa questão fica ainda mais agravada quando, durante a pandemia, não puderam contar mais com redes de apoio como parentes, vizinhos, creches e escolas ou cuidadores pagos. Essa é uma mudança substancial no exercício de maternidade cotidiana, fazendo com que o debate sobre maternidade fique estagnado nas concepções de que as mulheres sejam agentes exclusivas dos cuidados com crianças. O desemprego e o isolamento se fazem estratégia para a reafirmação do dispositivo da maternidade, colaborando para delimitar o espaço do lar como *locus* da mulher.

Outro aspecto que constitui mudança na rotina das mães na pandemia se trata do uso de eletrônicos, uma condição que molda bastante nossas subjetividades e foi a forma basilar de interlocução durante a quarentena. A pesquisa demonstra que as mães se preocupam com o aumento do uso de eletrônicos por parte dos/as filhos/as, cientes que o uso demasiado do tempo de tela pode afetar suas capacidades, mas ao mesmo tempo, tiveram os aparelhos como auxiliares no cuidado, fazendo melhores usos destes ao recorrer a eles para executar outras atividades.

Com a inserção das aulas *online* no cotidiano das famílias, esse se tornou mais um elemento constitutivo do dispositivo da maternidade que faz recair sob as mães uma habilidade que antes nem sempre precisavam desenvolver. Entre as mães que participaram da pesquisa e estão com filhos/as com aula *online*, a maioria respondeu que veem essa condição como difícil e desafiadora, pois ao não contarem com a estrutura da escola, passam a se encontrar divididas não só com tarefas domésticas, de cuidado e com o trabalho remoto, agora também com a educação dos/as filhos/as.

A pesquisa faz um comparativo com pesquisas anteriores demonstrando o quanto a situação de vida das famílias piorou, no sentido de que os antigos desafios se

encontram ainda mais difíceis. Segundo os dados coletados, a pesquisa permite perceber que aumentou a complexidade de temas como: tempo para vida pessoal, conciliar vida profissional com cuidado com filhos/as, conciliar relacionamento amoroso com cuidado com filhos/as e vida financeira. Assim, a individualidade das mães durante a pandemia se encontra enclausurada, em muitos casos, não existe.

Outro artefato importante que possibilita pensar a questão é a música *Mãe na pandemia* de Julia Tizumba e Luísa Toller, uma machinha de carnaval que expõe os desafios que afetaram a experiência de maternidade das mulheres:

Ouço “mãe” o dia inteiro e a louça lá na pia  
É que eu sou mãe, mãe na pandemia  
Demitida porque o chefe disse que eu não rendia  
É que eu sou mãe, mãe na Pandemia

Se eu trabalho sempre fora, com quem deixo minha cria?  
É que eu sou mãe, mãe na pandemia  
Quem se importa com criança? Óh Deus, salve a economia  
É que eu sou mãe, mãe na pandemia

Não me chama de guerreira, se eu não tenho opção  
Se eu faço e o pai não, depois diz que até faria  
É que eu sou mãe, eu sou mãe na pandemia

Aula online pra assistir e eu nem fiz pedagogia  
É que eu sou mãe, mãe na pandemia  
E se trava a internet, pra quem sobra a teoria  
É que eu sou mãe, mãe na pandemia  
Uma, duas, três jornadas, esse é meu dia a dia  
É que eu sou mãe, mãe na pandemia  
Planejar, fazer, limpar, saudades da boemia  
É que eu sou mãe, mãe na pandemia

Não me manda artesanato, culinária em família  
Se eu olho um pano de prato, quero fugir pra uma ilha  
É eu sou mãe, eu sou mãe na pandemia

Mamãe eu quero (mamãe eu quero)  
Mamãe eu quero (mamãe eu quero)  
Mamãe eu quero deitar  
Tomar a saideira...

“Quase 8,5 milhões de mulheres deixaram de trabalhar desde o início da pandemia da COVID-19. Pra quem cria seus filhos sozinha, os retrocessos foram ainda mais profundos: 61% das mães solas no país são mulheres negras. A participação feminina caiu 45,8% no mercado de trabalho, o nível mais baixo em três décadas.”

Tomar a saideira  
Dormir a noite inteira  
Cagar sozinha e passar fio dental  
Fechar os olhos e sonhar com carnaval

Como já evidenciado nos outros artefatos apresentados, a música reforça o lugar de insatisfação que a maternidade perpassou a partir da pandemia, denunciando, ainda que em poucas frases, o descaso e a romantização sobre o trabalho doméstico, o desemprego ocasionado pela discriminação de gênero e a sobrecarga materna com a nova rotina. Durante toda a música, ao afirmar repetidas vezes que é “mãe na pandemia”, a cantora posiciona o dispositivo materno com um diferencial, se trata de um novo tipo de mãe, uma mãe ainda mais atribulada, mas que anseia por uma individualidade assim que possível, ao pensar no carnaval.

### **Considerações Finais**

A partir dos artefatos analisados, foi possível perceber que o dispositivo da maternidade pandêmica designa às mães uma responsabilidade exclusiva nos cuidados diversos com os/as filhos/as durante o isolamento social, a partir de uma cobrança sutil para que exerçam o papel da “boa mãe”, sozinha, mas naturalmente capacitada para os desafios, agentes ideais do cuidado com a saúde que têm sob controle a situação.

Apesar de considerar que a saúde mental das mulheres-mães é afetada com as mazelas da pandemia, os artefatos insistem na lógica de uma responsabilização exclusiva da mulher, reforçando a ideia de que só ela é capaz de cuidar dos/as filhos/as, sem dar ênfase à divisão de tarefas e corresponsabilização pelos cuidados. Os demais

membros da família são mencionados enquanto indivíduos que ainda precisam tomar consciência, com a ideia de que o parceiro/pai ou qualquer outro membro da família como alguém que ajuda, invés de ser alguém que divide as tarefas de cuidado.

As mães são elencadas enquanto agentes primordiais do biopoder sobre os corpos infantis, principais auxiliares dos profissionais de saúde, colaborando com a prevenção de doenças e de forma mais intensa contra a COVID-19, sendo a principal testemunha dos determinantes que condicionam o adoecimento. As orientações dos artefatos institucionais em formato de cartilha, por exemplo, produzem a biopolítica ao passo que seus discursos para com as mães, impulsionam que elas exerçam o biopoder sobre o corpo infantil.

Com as mães sendo educadoras-cuidadoras dos corpos e vigilantes quanto à saúde dos/as filhos/as e demais membros da família, exercendo a manutenção da casa em tempo integral, reforçando as tarefas da vida doméstica a partir do isolamento, o dispositivo da maternidade se atualiza, construído a partir das orientações institucionais, sugestões coletivas e denúncias culturais.

Os artefatos versam tanto em nível científico e de gestão governamental, como em produção literária, artística e de responsabilidade social. Nesse sentido, as ideias sobre a identidade materna pandêmica acionadas nos artefatos potencializam um dispositivo da maternidade que se atualiza a partir do cuidado exacerbado com saúde e com a emergência de novos discursos sobre a prática materna no contexto da pandemia, reconhecendo e legitimando uma maternidade ainda mais sobrecarregada do que já era.

A partir dos artefatos analisados também foi possível constatar o quanto a questão de gênero foi um fator importante para situar as consequências que a pandemia teve na vida da população, sendo as mulheres as mais afetadas pela sobrecarga, adoecimento, desemprego e empobrecimento. Além disso, é possível perceber as disparidades entre tipos diferentes de mães, localizando a mãe branca em uma problemática muito mais voltada para a sobrecarga e adoecimento no âmbito doméstico,

enquanto a mãe negra tem de lidar com questões de classe e raça que as colocam em lugares de risco, precarização e necropolítica.

Com as problemáticas que a pandemia proporcionou nas rotinas familiares, a situação demonstrou a urgência de pensarmos como tem se dado o dispositivo de maternidade, pois a conjuntura demonstrou que pensar a maternagem, o trabalho de cuidado e os papéis designados às mulheres-mães se faz primordial em qualquer situação, já que são as mulheres, sua individualidade e seus papéis tão afetados por situações de crises.

Com isso, é real a necessidade de fortalecer políticas sociais que assegurem o cuidado e estratégias de educação e pedagogias sociais para além dos espaços formais de aprendizagem, que considerem a educação e a cultura da mídia como parte do processo de formação de identidades e de construção de papéis socialmente estabelecidos. Também, apontar possibilidades para que futuras pesquisas realizem a investigação de como outros dispositivos estão articulados nessa produção do dispositivo da maternidade, por exemplo o dispositivo da família, o de infantilidade, o de gênero, entre outros.

Considerando que é justamente na crise que se ensejam as capacidades para deliberarmos novas formas de sociedade que não recaiam em um familismo que acaba por responsabilizar somente a mãe por mazelas familiares, é oportuno atizar a compreensão desta contradição para que se caminhe rumo à problematização de um dispositivo de maternidade, bem como se construa fugas e resistências no sentido do desenvolvimento das capacidades das mulheres.

## Referências

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- BARBOSA, Manoela; BARBOSA, Deisiane; SACRAMENTO, Dayse; SALES, Cristian (Org.) **Narrativas Negras e Insubmissas em tempos de isolamento social**. Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras & andarilha edições. 2020. Disponível em: <https://andarilhaedicoes.com.br/wp-content/uploads/2021/01/ebook-narrativas-insubmissas-isolamento-social.pdf>. Acesso em junho de 2021.
- BERTOLINI, Jeferson. O conceito de biopoder em foucault: apontamentos bibliográficos. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, [S. l.]**, v. 18, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/15937>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- BRASIL, Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos. **Mulheres na COVID-19**. Brasília, 2020. Disponível em: [https://www.naosecale.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/mulheres-covid-19\\_MS.pdf](https://www.naosecale.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/mulheres-covid-19_MS.pdf). Acesso em junho de 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CUNHA, Ana Cristina Barros da (Org.). **Maternidade em tempos de COVID-19: como enfrentar a pandemia quando sou mãe de um bebê menor de seis meses?**. Rio de Janeiro: K.A. Albuquerque, 2020. 44p.:il. Disponível em: [https://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/maternidade\\_em\\_tempos\\_de\\_covid-19\\_-\\_mae\\_de\\_um\\_bebê\\_menor\\_de\\_seis\\_meses.pdf](https://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/maternidade_em_tempos_de_covid-19_-_mae_de_um_bebê_menor_de_seis_meses.pdf). Acesso em junho de 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 22. reimpr. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012
- FRASER, N.; SOUSA FILHO, J. I. R. DE. Contradições entre capital e cuidado. *In: Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 27, n. 53, p. 261-288, 2 jul. 2020.
- HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. **Revista SUR**, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 53-64, 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estatísticas de Gênero. Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 38. Junho de 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf). Acesso em: março de 2022
- INSTITUTO PÓLIS. **Raça e covid no município de São Paulo**. São Paulo, julho de 2020. Disponível em: <https://polis.org.br/estudos/raca-e-covid-no-msp>. Acesso: 11 de setemb. de 2021.
- KORNATZKI, Luciana. **O dispositivo da família e a constituição de subjetividades em membros de famílias homoparentais**. – Rio Grande: FURG, 2019.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência**. - Porto Alegre: UFRGS, 2003. 180 f.
- MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Gênero e ciência: analisando alguns artefatos culturais. Suplemento Exedra**. Sexualidade, gênero e educação. 2014.
- NOZ Pesquisa e Inteligência & Associação CineMaterna. **Pandemia e Isolamento social: um estudo do impacto sobre as famílias**. Agosto, 2020. Disponível em: [https://www.nozinteligencia.com.br/\\_files/ugd/e4287b\\_9a259f72e2bf4ec08c187daa68f0a32e.pdf?index=true](https://www.nozinteligencia.com.br/_files/ugd/e4287b_9a259f72e2bf4ec08c187daa68f0a32e.pdf?index=true). Acesso: 20 de dez. de 2021.
- SALES, Cristian; SACRAMENTO, Dayse; BARBOSA, Deisiane; BARBOSA, Manoela. (Orgs.) **Narrativas negras e insubmissas em tempos de isolamento social**. antologia. Conceição da Feira, 2020.

THINK EVA. #Mães na pandemia: A invisibilidade e sobrecarga do trabalho materno em meio à crise global. 2021. Disponível em: <https://thinkeva.com.br/e-book-maes-na-pandemia>. Acesso: em 15 de jan. de 2022.

### **The device of motherhood during the covid-19 pandemic: Analyzing Artifacts**

**Abstract:** This article aims to investigate the production of the maternity device during social isolation in the COVID-19 pandemic through media cultural artifacts. For that, a scientific booklet, a government booklet, an eBook with informative political content, an anthology of texts, a research publication and a musical track were analyzed - discussing how they can update the maternity device and build a pandemic maternity. In the methodological course, Foucauldian tools were used for discourse analysis. In the analysis, we realize that the investigated artifacts, when conveying and using speeches by media instances articulated with medical, pedagogical and disciplinary instances, can manufacture a control and a policy of subjection to mothers in the pandemic, at the same time they can give rise to resistance to the impositions that dictate ways of being maternal. In this way, they can produce new types of maternal subjects and enable the invention of new ways of being, making mothers the primordial agents of the biopower.

**Keywords:** Maternity device. Pandemic. Cultural artifacts.

**Recebido: 25/07/2022**

**Aceito: 02/11/2022**